

Tombini precisa reaver a credibilidade do BC

Presidente da autoridade monetária desde o início de 2011, Alexandre Tombini passou, recentemente, a sinalizar descontentamento com a política fiscal. Recados nesse sentido foram vistos também em documentos oficiais do BC. Esses sinais, contudo, podem não ter sido suficientes para que Tombini já tenha reconquistado a confiança dos agentes econômicos. A maior crítica que recebe é não ter conseguido domar a inflação que, nos últimos anos, tem ficado bem próxima ou acima do teto da meta oficial — de 4,5%, com margem de dois pontos percentuais para mais ou menos.

"O Brasil está entrando num círculo vicioso, com mais inflação", afirmou uma fonte. "Não é fácil enfrentar Dilma Rousseff e o governo todo", acrescentou. De perfil mais desenvolvimentista — o que lhe rendeu o apelido de "Pombini", em referência ao seu perfil expansionista, Tombini foi o responsável por reduzir a taxa básica de juros (Selic) à mínima histórica de 7,25% no final de 2012.

A queda agradou à presidente da República, que fez dos juros baixos uma bandeira de governo. Mas o BC logo teve de voltar a subir a Selic porque, apesar da atividade anêmica, a inflação não cedeu. No fim do mês passado, apenas três dias depois do segundo turno, o BC surpreendeu e elevou mais uma vez a taxa, iniciando um novo ciclo de aperto monetário.

De poucas palavras, o gaúcho de Porto Alegre Alexandre Tombini, 50 anos, é dedicado à família e tem dois filhos. Discreto, procura não expor a vida pessoal. Antes de assumir a presidência do BC, ocupava a diretoria de Normas. Ele foi um dos formuladores do regime de metas de inflação adotado desde 1999. Economista formado pela Universidade de Brasília (UnB), ele é PhD em economia pela Universidade de Illinois, nos Estados Unidos.